



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de abertura do 23º Salão Internacional do Automóvel**

São Paulo, SP, 20 de outubro de 2004

Excelentíssimo senhor governador do estado de São Paulo, Geraldo Alckmin,

Meu querido companheiro Furlan, ministro de Estado do Desenvolvimento, Indústria e Comércio,

Meu caro Jaques Wagner, ministro especial do Conselho de Desenvolvimento Econômico,

Meu companheiro Aloízio Mercadante, Senador da República,

Meu caro Hélio Bicudo, prefeito em exercício de São Paulo,

Senhores presidentes das indústrias automobilísticas aqui presentes,

Senhores diretores e presidentes das empresas de autopeças do nosso país,

Meu querido Paulo Skaf, recém-eleito presidente da FIESP,

Meu caro companheiro Marinho, presidente da Central Única dos Trabalhadores,

Meu caro Evaristo Nascimento, diretor do Salão Internacional do Automóvel,

Meus amigos,

Minhas amigas,

Revendedores,

Empresários,

Trabalhadores,

Primeiro, quero agradecer à organização desta Feira que inova, realmente, na abertura de uma Feira dessa magnitude, certamente a mais



importante da América Latina, vendendo ingressos a 150 reais e destinando esse dinheiro para instituições que fazem política social no Brasil, em coordenação com o governo federal. Isso é um dado muito positivo, e eu penso que demonstra claramente que cada um de nós pode ter um gesto para ajudar aqueles que não tiveram chance na vida.

A segunda coisa é dizer que é muita alegria estar aqui. Eu estou encontrando aqui companheiros, eu digo companheiros com quem já tive muitas desavenças, muitas brigas, na década de 70. Alguns deles eu estou vendo, encontrei com o Schaik, da Mercedes-Benz; estou vendo o Mauro Marcondes, aqui, que estava na Volkswagen; estou vendo o Nildo Masini, que estava na FIESP. Tivemos boas brigas que, eu penso, ensinaram a todos nós. Brigas essas que têm continuidade com o nosso companheiro Marinho, mas é uma briga muito mais azeitada, agora, porque há uma evolução na consciência negocial, tanto dos empresários quanto dos trabalhadores. E eu penso que a conquista desse espaço foi resultado das inúmeras brigas que nós fizemos, não é, meu caro Mauro? Muitas e boas brigas, na década de 70.

Depois, quero dizer a vocês que estou de olho naquele carro vermelho, ali. Vamos dar uma passada lá, para ver. Certamente não é fabricado aqui no Brasil, é? Não é. Não que os trabalhadores não tenham qualidade para produzir igual ou melhor do que esse, é que é uma decisão da matriz em trazer para o Brasil a produção de um carro dessa magnitude.

Quero dizer ao Governador, ao nosso prefeito Hélio Bicudo e aos empresários que hoje, ao aferirmos o número de empregos gerados no Brasil entre 1º de janeiro a 1º de setembro, o número é muito alentador e demonstra a sincera e objetiva recuperação da indústria brasileira.

Entre os empregados demitidos e os admitidos, nós temos um saldo positivo de 1 milhão 666 mil trabalhadores, o que é um dado extremamente auspicioso para todos nós, que achamos que o emprego é o maior instrumento para dignificar a existência humana.



Quero dizer a vocês que já estive do outro lado, muitas vezes reivindicando do governo medidas de ordem econômica, para esvaziar os pátios das empresas que ameaçavam, muitas vezes, mandar dezenas de trabalhadores embora. Já vivi crises muito fortes da indústria automobilística. Eu me lembro da crise dos anos 80, quantas vezes tínhamos que ir à porta da Scania, da Mercedes, da Ford, da Volkswagen, fazer grandes movimentos para evitar que trabalhadores fossem mandados embora e nem sempre éramos bem-sucedidos, não é companheiro Feijóo? Nem sempre.

Também tenho consciência de que houve uma evolução. No Brasil, habitualmente, os governantes faziam a suas opções, ora se trabalhava tudo para o mercado externo, ora se trabalhava tudo para o mercado interno. E o desafio que está colocado para a nossa geração é provar que o Brasil pode conviver com as duas hipóteses: uma grande política de exportação e uma grande política de fortalecimento do mercado interno, porque isso ajuda no desenvolvimento sustentável que nós precisamos garantir ao nosso país.

Recentemente, recebi a indústria automobilística no meu gabinete, em Brasília. Tenho uma pauta de reivindicação, algumas delas eu acho muito justas. E me lembro que, em algum momento, quando estava longe ainda de ser presidente da República, nós já tínhamos feito reivindicações ao governo da época, e foi por isso que nós criamos a Câmara Setorial, em 1992, quebrando vários tabus porque se reduziu impostos do governo estadual, do governo federal, e diminuiu, inclusive, parte daquilo que a empresa ganhava. Terminamos gerando mais empregos, vendendo mais carros e arrecadando muito mais impostos. Isso está na pauta apresentada pelas indústrias, nós haveremos de discutir porque eu penso que a indústria automobilística não pode achar que é difícil chegar à marca dos 2 milhões de carros produzidos para o mercado interno.

Eu só queria lembrar que essa mesma indústria, para produzir isso, teria que crescer a sua produção para o mercado interno, em média, em 20%. Isso



não é difícil, porque se compararmos a variação de 2003 para 2004, cresceu, praticamente, isso e um pouco mais do que esse número. Portanto, eu penso que, com alguns ajustes, nós chegaremos a produzir os 2 milhões de carros e, quem sabe, um pouco mais. Eu acho que vocês são até pessimistas, quando falam em apenas 2 milhões, talvez por conta da capacidade da empresa que precisa de mais investimentos para produzir mais do que 2 milhões de carros para o mercado interno.

E isso vai ser plenamente possível porque o Brasil, definitivamente, tomou a decisão de que não vai ser mais coadjuvante na política internacional. Tomamos uma decisão de que a geografia econômica que estava estabelecida até dois anos atrás não poderia persistir. Nós respeitamos profundamente a nossa relação com os Estados Unidos, respeitamos profundamente as nossas relações com a União Européia, respeitamos de forma extraordinária a nossa relação com o Japão, a nossa relação com a França, mas o dado concreto e objetivo é que o mundo é muito maior do que esses mercados e cabe a nós sairmos para fora para vender aquilo que nós temos de melhor.

Quando eu ainda era candidato dizia, nos debates dos quais eu participava, que eu queria encontrar um ministro da Indústria e Comércio que fosse um camelô, que fosse um mascate, que fosse aquele mascate que batesse na porta da casa e, por mais que a dona de casa estivesse de cara feia, recusando-se a comprar, dizendo que não queria a roupa, depois de meia hora de conversa, ela voltaria com um pacotinho de roupa embaixo do braço, com 12 prestações para pagar, dali para a frente. O mascate tinha vendido o seu produto.

E eu não precisei criar uma Secretaria Especial porque encontrei, no companheiro Furlan, esse mascate que eu precisava. Encontrei no companheiro Furlan esse mascate que não tem dia, não tem hora, não tem chuva, não tem sol, não tem nenhum problema que impeça o companheiro



Furlan de fazer uma viagem da China para o Uruguai, do Uruguai para a Rússia, da Rússia para o Canadá, para vender os produtos brasileiros.

E nós, brasileiros, aprendemos uma coisa mais importante: ninguém compra produto de um país que não sabe vender os seus produtos. Ou seja, nós é que temos que qualificar o nosso produto. Nós é que temos que falar bem do Brasil lá fora. Nós é que temos que mostrar o que nós somos capazes de produzir, porque se criou a imagem de que nós somos exportadores de produtos *in natura*, e não é verdade. Nós, hoje, exportamos aviões. Nós, hoje, produzimos carro que funciona a álcool, à gasolina, a gás, coisa que nenhum país do mundo produz. E nós poderemos, com muita disposição política, introduzir os automóveis produzidos aqui, no Brasil, no mercado externo.

Esses dias, eu conversava com o secretário de estado norte-americano Colin Powell. Eu dizia para o Colin Powell que era inadmissível que os Estados Unidos continuassem produzindo etanol do milho, gastando três quilos de milho para produzir um litro de etanol, quando a gente poderia dar o milho para as galinhas, para os porcos, para alimentar os animais que nós precisamos para sobreviver, e que poderiam utilizar o etanol da cana-de-açúcar, quem sabe até fazer parceria com os empresários brasileiros e produzir aqui.

O mesmo nós dissemos ao primeiro-ministro japonês. Se no Japão não se pode produzir cana, venha produzir aqui, no Brasil, e venha atender ao seu mercado. Os carros, nós temos para vender. Escolha, se quer só álcool e gasolina, se quer meio a meio, se quer álcool, gasolina e gás. Nós não temos problemas em competir com qualquer país do mundo.

Isso porque o Brasil, hoje, está tomando uma atitude de se respeitar. No mundo dos negócios e no mundo político, ninguém respeita quem não se respeita.

Eu disse ao Furlan: nós precisamos criar uma nova geografia mundial. Como é que a América do Sul pode estar tão próxima do Brasil, dividida, às vezes, por um rio, dividida, às vezes, por um córrego e usando carro de países



a 8, 9, 10 mil quilômetros de distância, quando nós poderíamos estar fazendo com que o mercado de carros brasileiro pudesse atender a essa necessidade de um Continente que está ligado a nós, de países que têm fronteiras conosco.

Eu fui agora, no Acre, inaugurar a primeira ponte entre Brasil e Bolívia. E vou inaugurar, em junho do ano que vem, a primeira ponte entre o Brasil e Peru. Porque, se não tiver porto, aeroporto, estrada, ferrovia, hidrovía, telecomunicações e energia elétrica, não tem integração da América do Sul e da América Latina. Nós vamos ficar olhando para a Europa, olhando para os Estados Unidos, que competem conosco do ponto de vista tecnológico, do ponto de vista da qualidade, quando nós temos mercado para vender os nossos produtos.

Foi com essa determinação que nós tomamos a atitude de visitar os países árabes. A última autoridade brasileira a visitar o Líbano foi D. Pedro, em 1876. Ora, se nós queremos competir com os países ricos, com o mercado árabe, nós é que temos que ir lá falar bem de nós; nós é que temos que ir lá mostrar os nossos produtos, mostrar o que nós sabemos fazer – roupa, calçado, carro e o que mais eles quiserem. Também temos soja, milho, cana-de-açúcar, mas nós temos produtos com alta tecnologia, com valor agregado, para garantir que o Brasil possa, definitivamente, parar de ser chamado um país “em vias de desenvolvimento”. Já estamos maduros, adultos e queremos, logo, logo, ser tratados como um país capaz de competir em igualdade de condições com qualquer potência econômica no mundo.

Não é nenhum outro país que vai determinar isso para nós. Somos nós mesmos que temos que nos autodeterminar se queremos ser isso e, se nós acreditarmos, pode ficar certo, meu caro Furlan, que você vai ter muito trabalho pela frente, porque nós vamos vender muita coisa. Estou com um champanhe guardado e falei para o Furlan que no dia em que nós chegarmos aos 100 bilhões de dólares de exportação, eu quero abrir o champanhe que não abri quando ganhei as eleições; está guardado, agora, para os 100 bilhões de



dólares de exportações, com um superávit comercial importante, porque quanto mais reservas nós tivermos, mais nós vamos deixar de oferecer riscos a qualquer investidor que queira investir no nosso querido país.

Quero dizer aos empresários da indústria automobilística, aos empresários da indústria de autopeças, que já vi empresas enormes serem transformadas em, praticamente, um salão de importação de autopeças de países mais ricos do que nós porque, um belo dia, se resolveu que era preciso acabar com a indústria de autopeças no Brasil. Nós achamos que um país que tem a mão-de-obra que tem o Brasil, um país que, em todos os eventos que tenho participado, ainda da Telefônica da Espanha, ouvi dizer que o maior lucro per *capita* da empresa, no mundo, é dado pelo trabalhador brasileiro. Isso me foi dito pela vice-presidente internacional da Ford, isso me foi dito pelo presidente da Mercedes Benz. Ora, se nós temos um país como este, se temos trabalhadores dessa qualidade, se temos empresários dessa qualidade, se temos a matéria-prima necessária, o que falta para que a gente, definitivamente, entre no rol dos países considerados ricos? Na minha opinião, falta acreditarmos em nós mesmos, levantarmos a cabeça, e dizer para quem quiser ouvir: Eu sou brasileiro e não desisto nunca. E dizer mais alto ainda: O melhor deste país é o seu povo. E é com esse povo que a gente vai chegar ao patamar de um país extremamente desenvolvido e bem-sucedido no mundo dos negócios.

Quero terminar dizendo a vocês que esta Feira demonstra o potencial do nosso país, este país que precisa se dar uma chance. E quero dizer a vocês, eu digo desde o dia da posse, que eu não tenho o direito de errar, cada medida tem que ser pensada de forma milimétrica, isso eu aprendi com dona Marisa, que está sentada ali. Quando eu trabalhava numa fábrica, chegava o mês de dezembro, eu recebia o pagamento de dezembro, recebia 13º salário, recebia as férias daquele ano e ainda pegava meias férias do ano seguinte. Chegava em casa com um pacotão de dinheiro na mão, a vontade era sair logo para



comprar e fazer dívidas, a molecada queria pedir cada vez mais coisas e a dona Marisa falava “não, a gente não pode gastar porque não descontou nem o Imposto de Renda, quando chegar em janeiro o pagamento vai vir magrinho e se a gente gastar todo o dinheiro, a gente não vai ter para poder recuperar a nossa economia”. Governar este país é exatamente isso, a gente não pode permitir que em alguns momentos de euforia a gente exagere nos gastos, sem ter em conta que é melhor andar com passos mais lentos, mas andar sempre para a frente, do que dar um passo muito grande e quebrar a cara no primeiro pulo que der. Eu tenho consciência das experiências negativas que este país já viveu; eu tenho experiência dos vôos de galinha que a economia brasileira já deu; eu tenho consciência de quantas noites nós fomos dormir achando que o Brasil tinha, definitivamente, recuperado a sua economia e tinha um desenvolvimento sustentável e acordamos, no dia seguinte, devendo mais do que a gente estava devendo à noite. Portanto, nós não vamos repetir erros do passado, queremos aprender com os acertos do passado, queremos tentar aprender com os acertos de outros povos, porque nós achamos que o povo brasileiro não pode suportar mais um outro erro, uma outra negativa, uma outra política que possa trazer prejuízos, amanhã, para todo o povo brasileiro.

Por isso esteja certo, meu caro Marinho, esteja certo meu caro Feijão e empresários aqui presentes, que nós vamos ter boas e belas surpresas para o ano que vem. A economia vai continuar crescendo e, na minha opinião, vai continuar crescendo fortemente. Vocês, certamente, irão produzir mais carros para o mercado externo e para o mercado interno. O Marinho vai ter mais emprego, vai ter mais trabalhadores para fazer assembléias e cobrar mais do governo e dos empresários. Vai ter mais impostos, o governo vai arrecadar mais porque, também, reduzir a política tributária é um compromisso que nós temos, e vocês sabem que isso tem que ser feito de forma paulatina, porque ninguém também pode correr o risco de não ter os recursos para fazer a política necessária.



O ano que vem será um ano de bons investimentos em infra-estrutura, de recuperar os nossos portos, de recuperar parte das nossas ferrovias, de recuperar parte das rodovias que estavam totalmente deterioradas, além de investir em outras obras de infra-estrutura.

Portanto, a indústria automobilística, que acreditou no Brasil e veio para cá, as indústrias de autopeças brasileiras e as de fora que acreditaram e vieram para cá, certamente não se arrependerão de, um belo dia, ter acreditado no Brasil.

Muito obrigado.